



## EXPRESSÕES CULTURAIS: ÁFRICAS EM PROSA E VERSOS



### *O que a PIDE fez com o meu avô...*

Por Sérgio Simão Raimundo (Poeta Militar)



*Sérgio Simão Raimundo (Poeta Militar):*  
escritor e jornalista

#### Como citar

Sérgio Simão Raimundo. O que a PIDE fez com o meu avô... **Boletim GeoÁfrica**, v. 1, n. 2, p. 158-160, abr.- jun. 2022

*Quem é Sérgio Simão Raimundo?* Sérgio Simão Raimundo, ou simplesmente Poeta Militar, é escritor e jornalista moçambicano nascido em Maputo. Frequentou licenciatura em Sociologia na Universidade Pedagógica e desistiu, tendo sido licenciado em Filosofia pela Universidade Eduardo Mondlane. Se formou como crítica de cinema no Brasil (2017); em Jornalismo de Saúde no Quênia (2018); em artes performativas e jornalismo cultural em Alemanha (2018). Colabora como jornalista e colunista em diversos órgãos de comunicação social em Moçambique e Portugal. Como escritor tem participações em diversas antologias literárias nacionais e internacionais. No campo literário tem as seguintes menções e prémios: Menção especial no Concurso Mundial de Poesia NOSSIDE (2010) – Itália; 1º lugar do Prémio Nacional de Slam Poetry (2011) – Moçambique; 1º lugar do concurso literário Fim do Caminho (conto - 2016) – Moçambique; Menção honrosa na novela e poesia no Prémio Literário 10 de Novembro (2017 e 2018) – Moçambique; 1.º lugar do Prémio Africano de Imprensa Escrita da Merck Foundation (2018) – Quênia; 1.º lugar do Prémio Literário INCM/Eugénio Lisboa (2019) Portugal – Moçambique. Conta com dois livros lançados: *Avental de um Poeta Doméstico* (2016) poesia; e *A ilha dos mulatos*, (2020) romance.

Actualmente, encontra-se a residir em Portugal, onde trabalha, dedica-se à literatura e finaliza o mestrado em Ciências da Educação na Universidade do Algarve.



*O que a PIDE fez com o meu avô...*

Foi a asneira de viagens frequentes para a África do Sul e Suazilândia que levou a PIDE a identificar o meu avô como um opositor político em formação. Não sabia nada de política. O único manual de política que dominava era o de meter-se em roupas de mineiro, com uma lanterninha na testa e descer ao subsolo da África do Sul; ia a Suazilândia para ver as duas esposas e um cardume de filhos que se meteu num riacho qualquer e nunca mais deu notícias: todos morreram. Quando a PIDE já estava farta de coser teias de calúnias prendeu o meu avô na baixa de Lourenço Marques, Maputo; de lá foi arrastado por uma colerinha de palavras a um quartel para uma conversinha. Quando chegou ao quartel viu-se recebido por coronhadas de um alferes que tinha o lábio superior comido por uma lomba branca de bigode, um tenente pescava-lhe as mãos e os pés com um anzol de garras e os atacava em nós grossos de arame; usava um alicate para tornar os nós mais finos e elegantes.

Então, o meu avô começou a arrepender-se por ser membro da FRELIMO, mesmo não o sendo, pois via um tenente, Cavalinho Branco, que certificava com chutos se os outros pretos que acabavam de ter a conversinha tinham ainda vida. Uns, sem vida, eram afastados, como peixe pobre, da balança da tortura pela ponta da espingarda do tenente Cavalinho Branco. No chão havia dois pretos que ainda tinham vida e o tenente Cavalinho Branco esmagou-os as gargantas com a biqueira da bota e varreu-os para um canto do quartel. Varreu-os como porcos, porque os pretos foram sempre porcos.

As poucas palavras coxas que o meu avô tinha para a conversinha foi empurrando-as para os cantos das bochechas, pois queria a língua livre para arrumar o vocabulário certo de choros e gritos. O meu avô contou-nos que Cavalinho Branco desceu-lhe as calças com o cano da espingarda e ladrou sem parar “este é o senhor turista, não é?”. O pai do meu pai, meu avô, ainda esperava o começo da conversinha, mas foi Cavalinho Branco que começou a desordenar as nádegas do velho com uma tábua quente de ferro.

A conversinha foi adiada no quartel, o meu avô mais dois pretos foram entornados por uma pá de pontapés num jeep e levados ao Campo Prisional da Machava. Na Machava um maço de pretos era metido na ordem pela PIDE com a ajuda de um padre que chamava, com a campainha da oração, o evangelho aos pretos. Os pretos eram arrancados os arames, postos nus em celas sem



luz, com migalhas escassas de ar e sem um mínimo espaço para acomodar a conversinha que o meu avô tinha concentrado nas bochechas.

Bolas! O que a PIDE fez com o meu avô não merece um texto, mas sim uma conversinha séria: de neto para a PIDE.

*Por Sérgio Simão Raimundo (Poeta Militar)*